

## 10. Também a vida comum é transmitida

Há um aspecto da vida cristã e monástica comum cujo valor talvez tenha sido negligenciado, sobretudo diante do espetáculo de tantas "novas comunidades" que surgiram nas últimas décadas. É o fato de que a vida comum, o viver juntos cristão e monástico, é também como tal uma transmissão, é também o objeto de uma transmissão, é também transmitido. E perdura apenas na medida em que é recebido como transmitido.

Há uma crise profunda e generalizada a esse respeito. A ansiedade das antigas comunidades, a maneira como muitas novas experiências de vida em comum nasceram, que se dizem monásticas, espalharam o sentimento de que uma vida comunitária viva e fresca, que atraia os jovens, deve sempre ser reinventada.

São Bento nunca se considera o inventor de uma nova forma de vida monástica. Ele humildemente obedece ao Espírito que o envia para revitalizar um presente que já foi dado a ele, e que nem é o primeiro a renovar. Ele também recebe e transmite. O último capítulo da Regra exprime esta humilde concepção que São Bento tem do seu próprio carisma. Sua preocupação é a de transmitir um dom que a Igreja recebeu de Cristo e que, como uma chama, é transmitido de geração em geração, a partir dos Apóstolos, dos Padres do deserto, de Basílio, de Cassiano, de Agostinho, do autor da Regra do Mestre, etc. Claro, há momentos em que esta chama parece estar apagada. Deve ser encontrada como o fogo sagrado do segundo Livro dos Macabeus, aquele fogo que se tornou um líquido espesso que o sol acende novamente (cf. 2 Mac 1,19-22). Na época de Bento, tem-se a impressão de que a chama é transmitida apenas por monges que vivem em solidão, como Romano, a quem o jovem Bento encontra, como se poderia dizer por acaso, nas montanhas. Mas há sempre uma transmissão que nos leva à origem do cristianismo, uma origem que não está tanto em um passado histórico, mas nas profundezas da memória da Igreja, da Noiva que está sempre unida ao eterno Esposo sempre presente.

Acima de tudo, há um aspecto essencial da experiência cristã que vale a pena sublinhar. A comunhão dos discípulos de Cristo, seu viver unidos, é a própria substância da transmissão da vinda de Cristo, da salvação em Cristo, da plenitude da revelação ao mundo do Deus-Trindade. Não há transmissão de Cristo e da salvação nele sem a Igreja, sem a comunidade cristã, sem o Povo de Deus que é o Corpo de Cristo.

A Igreja é a transmissão do Filho de Deus enviado pelo Pai para salvar o mundo. O Espírito Santo realiza desde o Pentecostes esta missão da Igreja para encarnar a missão de Cristo.

Entender isso é essencial para apreender o valor da vida de comunhão que nos é oferecida e que nos é pedido para seguir a nossa vocação, para viver o nosso carisma. E cada carisma na Igreja sempre apresenta essa dimensão, essa exigência comunitária. Mesmo um eremita não pode viver sua vocação se não se sente membro do corpo eclesial, do Corpo de Cristo.

São Bento claramente expressa essa visão da vida eremítica no primeiro capítulo da Regra. "Através de provação diuturna no mosteiro, instruídos então na companhia de muitos aprenderam a lutar contra o demônio e, bem adestrados nas fileiras fraternas, já estão seguros para a luta isolada do deserto" (RB 1,3-5).

Poder-se-ia pensar que o eremita passe a um nível superior ao da comunhão fraterna, como se a vida fraterna servisse apenas para preparar-se para um estado de solidão, ideal e mais santo. Mas notamos que na vida fraterna o eremita aprendeu a lutar contra o diabo, "*contra diabolum ... pugnare*" (1,4). É contra o "divisor" que se luta na vida fraterna. Ora, se o eremita é maduro o suficiente para lutar sozinho contra aquele que divide, que cria a divisão, isso significa que ele também está maduro para viver em solidão uma comunhão fraterna profunda e sólida, não apenas com os irmãos do mosteiro que ele deixou, mas também com todos os membros da Igreja e com toda a humanidade.

Cristo quer "conduzir-nos *todos juntos* para a vida eterna" (cf. RB 72,12), mesmo os eremitas, mesmo aqueles que vivem de uma maneira ou de outra, por opção ou constrição, na solidão. E isso precisamente porque é a comunhão que transmite a missão do Salvador através da história até o fim do mundo.

Jesus expressa isso durante a Última Ceia, especialmente no começo e no final. Primeiro na cena do lava-pés em João 13. Esta página é atravessada por um forte sentido da transmissão. João insiste em enfatizar que o que Jesus faz e diz, ele faz na consciência de ser enviado pelo Pai para retornar a Ele depois de ter cumprido sua missão: "Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo que o seu tempo havia passado deste mundo para o Pai, depois de ter amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Enquanto comiam (...), Jesus sabia que o Pai lhe dera tudo nas mãos e que tinha vindo de Deus e para Deus voltava..." (Jo 13,1-3).

Mas é o ato em si de lavar os pés que Jesus pretende transmitir aos seus discípulos para que eles o transmitam vivendo-o entre si:

"Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós. Em verdade, em verdade vos digo: o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou. Se compreenderdes essas coisas, sereis felizes, sob condição de as praticardes." (Jo 13, 12-17)

O que Jesus quer que seus discípulos transmitam com a humilde fidelidade do servo e enviado que não pretende transmitir mais ou melhor do que aquilo que recebe de seu mestre que o envia, é a comunhão fraterna, cuja força regeneradora é a humildade, o humilde serviço mútuo.